

Resenha

Regina Queiroz, *Justiça Social e Estabilidade – a defesa do pluralismo na filosofia política de Rawls*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 2009.

Prof. Dr. Carlos Leone
Centro de História da Cultura,
Universidade Nova de Lisboa,
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

No panorama editorial português em permanente mutação, e no qual tantas novidades ocorrem, um domínio pouco notado é o da edição científica. Apesar da proliferação de títulos traduzidos, a publicação de trabalhos de investigação científica portuguesa (em Português, entenda-se) foi, como linha regular de edição, durante várias décadas quase um domínio exclusivo da Fundação Gulbenkian e da Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Sem menosprezo pelas iniciativas editoriais de tantas outras casas, a FCG e a INCM foram «as marcas» (como se diz agora) dominantes neste mercado. Sendo a actividade de ambas cada vez mais reduzida, cumpre por isso saudar o surgimento de volumes como este livro de Regina Queiroz, docente do Dptº Ciências Sociais e Humanas da ULHT e investigadora do IFL (FCSH/UNL). Nele se recolhe um conjunto de ensaios dignos da melhor pesquisa universitária sobre um dos mais relevantes filósofos do século XX, John Rawls.

Com efeito, é improvável conseguirmos sobrestimar a influência do filósofo americano que, desde a Universidade de Harvard, renovou o debate em Filosofia Política em Inglês e, de seguida, no resto do mundo (com franqueza desarmante, chegou a afirmar que sugeria que lessem as suas obras na tradução francesa, em que se tornavam mais legíveis). Traduzido em Português há já vários anos, Rawls ultrapassa fronteiras disciplinares: da Filosofia ao Direito, da Sociologia à Ciência Política, a sua Obra conta-se entre as mais discutidas, aclamadas e contestadas na contemporaneidade. Por isso mesmo, o número de trabalhos sobre Rawls e a diversidade de pontos de vista sobre o seu legado é imenso, sendo que também aqui o Português não é excepção.

Neste contexto, o que traz o livro de Regina Queiroz de novo? Compõe-se de cinco capítulos, com histórias diversas mas que confirmam a unidade impressa pela autora ao conjunto: o primeiro resume (passe este inadequado termo) o essencial da dissertação de doutoramento em Filosofia (2002, FL/UL) de R. Queiroz, sob orientação do Prof. João Paulo Monteiro (que apresentou o livro a 25 de Novembro, em Lisboa), e foca as noções de «equidade» e de «pluralismo»; os capítulos 2 e 4 também retomam a dissertação, embora sejam versões adaptadas de artigos surgidos respectivamente, nas revistas da ULHT *Metacrítica* e *Res-Publica* (dedicados às noções de «congruência, estabilidade e justiça», o primeiro, e à «cidadania», o segundo); por fim, os capítulos 3 e 5 recuperam artigos escritos para a primeira daquelas revistas, respectivamente sobre «razoabilidade» e sobre o papel de Rawls no kantismo filosófico americano do século XX. Optando por reescrever todos os textos para a edição em livro, a autora logrou um conjunto unificado conceptual e literariamente, algo que é invulgar neste género de volumes. E, assim, sobressai o

contributo da teorização rawlsiano para o problema teórico e político da «justiça social», a saber, a centralidade do pluralismo na construção, desenvolvimento, teste e revisão crítica do contratualismo do autor americano. A natureza compósita e adversarial da vida em sociedade, em particular nas sociedades modernas e contemporâneas, não só recomenda o pluralismo como ponto metodológico para o teórico mas, igualmente, como caracterização da situação empírica da vida social para todos os seus participantes (pluralismo de fins). A articulação dos dois primeiros capítulos é ilustrativa a respeito da estabilidade que só o pluralismo pode proporcionar, ainda que sempre de forma falível. O capítulo 4 retoma esta linha de análise, esclarecendo a respeito da noção de cidadania aspectos conceptuais específicos do pensamento de Rawls.

Apesar de um prefácio de um investigador português (Diogo Pires Aurélio), este livro quase ignora por completo a discussão em língua portuguesa sobre Rawls por universitários tão destacados como Manuel Villaverde Cabral (para nomear apenas um). Isto mesmo transparece em capítulos como o terceiro e o quinto, que integram Rawls na história das ideias políticas. O que, sendo um aspecto não essencial, sublinha no entanto outro, esse sim notável: a familiaridade da autora com os principais debates filosófico-políticos do pensamento contemporâneo anglófono. Neste livro, com economia e elegância de exposição, não apenas Rawls mas numerosos outros autores que com ele debateram são discutidos em Português com serena mestria.

Recebido para publicação em 03-01-11; aceito em 15-01-11.